

A Fundação Ilídio Pinho, Fundação de Utilidade Pública, tem como missão: “a ciência ao serviço do desenvolvimento e da dignificação humana”. Com esse grande desígnio não se tem poupado, desde a sua criação, a esforços de investimento para levar a cabo projetos relevantes de interesse nacional. De entre todos, o Prémio “Ciência na Escola”, tem assumido, sem qualquer sombra de dúvida, um papel de importância central e estrutural numa nova cultura científica em Portugal. Das 34 ideias em 2002, ano de lançamento do “Ciência na Escola”, foi alcançado este ano, um número inimaginável de 1044: destas, foram qualificadas 522 para projetos com o apoio financeiro da Fundação.

Este apoio e os prémios que hoje vão ser atribuídos, somam um importante envelope de 400 mil euros, sendo o maior prémio colocado à disposição da educação em Portugal. A notável evolução dos números, espelha o genuíno enraizamento e adesão pela comunidade escolar, criando-se seguras expectativas de que, nos próximos anos se possa continuar a aumentar o número de candidaturas.

Foram investidas cerca de 4 milhões de horas, na sua maioria extracurriculares, de forma apaixonada e entusiástica, por mais de 120.000 alunos e professores. A elaboração das candidaturas e o desenvolvimento dos projetos selecionados, foram um trabalho gigantesco. É bem visível, nas monstras

realizadas, o seu valor inovador exponencial, para o futuro da cultura científica e de empreendedorismo.

Os 13 anos do Prémio “Ciência na Escola”, mudaram o panorama da cultura científica e da tecnologia nas escolas, com o envolvimento em parceria inequívoca, com o Ministério da Educação. Os prémios permitiram a várias instituições escolares, dotar-se de instalações e equipamentos laboratoriais, para o desenvolvimento científico e técnico dos seus alunos. A propósito gostaria de destacar, sem prejuízo do mérito de tantos outros, o Agrupamento de Escolas de Arouca, sob a direção da Dra. Adília Cruz, que decidiu dar o meu nome ao laboratório de ciência, por ter sido equipado com os prémios do “Ciência na Escola” no valor de 83.450 euros.

Deixem-me agradecer aqui, perante todos, a honra de tal iniciativa que muito me sensibilizou. Aquando da homenagem, decorreram as primeiras Jornadas de Ciência de Arouca, onde estiveram notáveis cientistas portugueses, como Sobrinho Simões, Alexandre Quintanilha, Raquel Seruca e “n” jovens cientistas de Arouca, que estão em universidades europeias com a experiência do “Ciência na Escola”.

De seguida, o notável Presidente da Câmara Eng<sup>o</sup>. Artur Neves, a quem chamo “empresário autárquico”, que decidiu criar a Associação de Investigadores de Arouca. Aqui está o grande

objetivo nacional do “Ciência na Escola”: “que sejam criadas em todos os concelhos ou interconcelhos associações de investigadores sem custos para o Estado”. Se assim for, Portugal terá seguramente encontrado o caminho para um futuro de sucesso. Uma árvore só pode ser forte se as suas raízes forem saudáveis. Parabéns para Arouca pelo seu pioneirismo.

Senhor Primeiro-Ministro, Senhoras e Senhores:

A Fundação Ilídio Pinho, acredita veementemente, que sem ciência nas escolas, Portugal nunca será um país estratégico, justo e competitivo a nível europeu. Sabemos que os professores e os alunos querem ser empresários do saber útil ao serviço de Portugal. Estão desejosos, de colocar cada vez mais o seu saber científico e criador, lado a lado, com os empresários, para criar emprego e riqueza.

Temos a certeza, pela experiência adquirida, que todas as escolas, podem ser verdadeiros centros criadores de ideias e de projetos inovadores, em parceria com as autarquias, as empresas e as universidades. O ensino científico das nossas escolas, deve estar em avanço, relativamente à sociedade que as envolve, para ser o seu motor no conhecimento de que esta necessita. O desafio é preparar os jovens e todos nós, que somos o Portugal do futuro, nesse contexto, e não com os paradigmas do passado. Os jovens, encontram no “Ciência na Escola”, um precioso instrumento de

descoberta vocacional, para se orientarem nas suas escolhas escolares e profissionais.

Senhor Ministro da Educação: o facto de ter considerado o “Ciência na Escola”, um instrumento de valia, altamente estratégico, para as políticas de ciência que quer nas escolas para Portugal, reforça o sentimento único de missão patriótica da Fundação. Bem-haja pela importância da sua experiente visão.

Para tirarmos pleno partido do potencial de valorização dos projetos, esta iniciativa é sustentada pela forte parceria que reúne:

- a Fundação Ilídio Pinho, na sua missão de utilidade pública: a servir, premiar e coordenar.

- o Ministério da Educação, o responsável pela dinamização da educação científica nas escolas, ideias, os projetos e o importante Catálogo Digital, dos 100 qualificados para os prémios, em cada ano letivo.

- a Startup Portugal, faz o follow-up das ideias, dos projetos, o seu lançamento no tecido empresarial e a criação de startups.

O Ministério da Economia, pela mão do Senhor Secretário de Estado da Indústria, assinou com a Fundação um Protocolo em que explicita um conjunto de apoios que pretende conceder. O

objetivo do Protocolo, é criar um instrumento de operacionalidade com a Startup Portugal, “just now, just in time, e win-win” no lançamento e sucesso dos projetos, evitando a tradicional burocracia. Está entendido que a burocracia é a forma de tornar o fácil em difícil através da inutilidade. É que a velocidade em face da globalização, é cada vez mais uma estratégia, os que andam devagar serão os perdedores. Deixe-me felicitá-lo, pela forma dinâmica, como desde o início, acredita e apoia o “Ciência na Escola”.

Importa referir que:

– as escolas são as detentoras da propriedade intelectual dos projetos, recebem da Fundação Ilídio Pinho 50% do valor total dos Prémios, os Professores 25% e os alunos 25%;

– receberão também na mesma proporção, os valores do sucesso económico dos projetos, que podem atingir valores inimagináveis:

“Está assim criado o empreendedorismo nas Escolas!”.

Para além dos objetivos referidos, a Fundação acredita, firmemente, e por isso insiste, que o Prémio “Ciência na Escola” pode ir muito mais longe, internacionalizando-se e tornando-se um contributo de valia, na cooperação entre Portugal e os países de expressão portuguesa. Pode tornar-se uma ligação única entre

as comunidades escolares, base de uma relação empática, consolidante e duradoura. O valor estratégico de uma tal plataforma de cooperação é imenso. Além das relações no domínio da língua e da economia, este terceiro pilar de cooperação no domínio da ciência escolar, pode afirmar e consolidar de forma única, o desenvolvimento dessas relações.

Moçambique já concorre no “Ciência na Escola”, o que há uns anos era impensável. Nesta 13ª edição, o tema foi: “a ciência e a tecnologia ao serviço de um mundo melhor”, propõe-se que para este ano letivo, pela sua riqueza, o tema se mantenha.

Não posso terminar, sem deixar o meu testemunho de respeito e admiração pelo incansável e apaixonado trabalho dos alunos e professores, os protagonistas centrais desta iniciativa.

Aos pais e aos diretores das escolas, que muito contribuíram para oferecer um contexto fértil e estimulante ao trabalho realizado, impõe-se relevar o seu entusiástico apoio.

Queria também, deixar uma palavra de reconhecimento, ao trabalho de elevado mérito dos Júris Regional e Nacional que, voluntariamente, têm assumido a pesada e difícil responsabilidade de selecionar os projetos que se destacam: “os melhores entre os melhores”.

Impõe-se enaltecer o empenhamento do Senhor Coordenador Nacional do Prémio, pela parte do Ministério da Educação, Dr. António Proença, assim como, de toda a sua equipa, que se estende às Delegações de Serviços Regionais, pelo seu valiosíssimo contributo. Aos Senhores Secretários de Estado da Educação e da Indústria, expresso o enorme apreço, pela forma entusiástica, como se empenharam no desenvolvimento e valorização operacional do “Ciência na Escola”.

É minha convicção, que este projeto que os professores diziam ser “a luz ao fundo do túnel” e agora é já luz no túnel, fará história na História de Portugal, como estruturante. Tem sido, sem dúvida, um grande passo na criação de uma nova cultura em Portugal. Cultura fundamental para a afirmação do potencial científico que o país tem em transformá-lo num país estratégico para a Europa. O “paradigma do passado tem de acabar”. “A ciência é o futuro”. Um país que não a cultive intensamente e sem limites, não terá lugar nesse futuro.

Senhor Primeiro-Ministro, o senhor que é o empresário desta enorme empresa que é Portugal, ao honrar-nos com a sua presença, é porque acredita, incentivando-nos, a todos, a prosseguir com a firmeza de que o “Ciência na Escola”, é absolutamente estrutural! O empresário de Utilidade pública,

Ilídio Pinho, está ao serviço de Portugal em memória do filho e do amor que tem à sua pátria.

ILÍDIO PINHO